

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Representações do moderno: *A modernidade n' A República*. Natal, (1920-1930)

HEMETER HEBERTON DAMASCENO DE MORAIS

Natal/RN

2005

HEMETER HEBERTON DAMASCENO DE MORAIS

Representações do moderno: A *modernidade* n'A *República*. Natal, (1920-1930)

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, sob orientação do Prof. Raimundo Arrais, para fins de obtenção da graduação em Bacharelado no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Natal/RN

2005

AGRADECIMENTOS

A meus pais, pela dedicação constante e pelo empenho que me permitiram cursar esta faculdade, mesmo com todas as dificuldades.

Agradeço a orientação do Prof. Raimundo Arrais, com o qual venho trabalhando como bolsista de iniciação científica há cerca de um ano e meio, aprendendo, em nossas discussões, diversas orientações para trabalhos futuros. Gostaria de agradecer também aos ~~Prof.~~ ^{Prof.} Raimundo Nonato e Hélder Viana; estudando com os mesmos tive os primeiros contatos com a temática e pude perceber que deveria trilhar minha pesquisa por este caminho. Também não devo deixar de lembrar da Profª. Aurinete Girão, pela competente revisão deste texto e pela simpatia, que conquista a todos os alunos do curso de História.

Por fim, quero fazer um agradecimento especial aos meus colegas de faculdade Rafael Péricles e Leandro Batista. Sua amizade sincera e seu apoio nas horas difíceis foram, sem sombra de dúvida, um apoio significativo no decorrer deste curso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 CAPÍTULO 1	7
3 CAPÍTULO 2	13
4 CAPÍTULO 3	21
5 CONCLUSÃO	31
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir como apareceram, nas matérias e colunas do periódico potiguar *A República* as manifestações da vida moderna, durante a década de 1920. Este jornal, um dos mais importantes do estado, foi fundado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, tornando-se um dos principais veículos de difusão da República recém-instalada no Estado. Mesmo após a decadência da oligarquia Albuquerque Maranhão permaneceu no estado, divulgando os principais atos governamentais e notícias da sociedade, constituindo-se uma fonte básica para o entendimento das alterações que vinham se manifestando na sociedade potiguar nesse período.

As colunas da *República*, especialmente na década de 1920, traziam uma série de matérias nas quais alguns intelectuais potiguares manifestavam sua percepção sobre a sociedade que vinha se configurando; uma sociedade “deslumbrada” com a dinamização da vida urbana e a reconfiguração do espaço urbano. Nesse sentido, os intelectuais desse jornal, dotados de uma percepção aguçada dos acontecimentos, atuavam como grupo social privilegiado, absorvendo idéias de *modernidade* e, ao mesmo tempo, mediante seus escritos, influenciando a percepção social sobre a mesma.

Neste sentido, tivemos como idéia básica do trabalho estudar alguns aspectos dessa manifestação. A *modernidade* tem sido um tema estudado por diversos pesquisadores nas últimas décadas. Contudo, ainda são escassos as pesquisas regionais sobre este assunto. Nos últimos anos, alguns estudos historiográficos vem sendo realizados nesta área por pesquisadores da UFRN. Nosso trabalho, assim, vem colaborar como mais um estudo sobre a *modernidade*, visando desenvolver maiores informações sobre a mesma, a fim de desenvolver maiores pesquisas nesta área.

Tivemos como indagação principal nesse trabalho entender como eram representadas as idéias de *modernidade* nos escritos dos intelectuais da *República* na década de 1920. Evidentemente, dada a quantidade de informações contidas neste periódico, bem como os imensos desdobramentos do próprio conceito de *modernidade*, acabamos deixando espaço para uma série de lacunas, que, eventualmente, serão discutidas em outros trabalhos.

Nossa fonte básica, conforme dito anteriormente, foi o jornal *A República*, na década de 1920. Embora não tenhamos os dados oficiais sobre a quantidade de leitores desse periódico, podemos deduzir que ^{esse} jornal era bastante divulgado na sociedade, dada a sua relativa tiragem (na década de 1920, por exemplo, já existia a possibilidade de se tornar assinante ^{dele} do jornal). Além da *República*, outras fontes foram valiosas nesta pesquisa. *O Diário de Natal*, outro periódico bastante divulgado em Natal, nos serviu para retirar algumas matérias que continham também informações sobre a *modernidade*, especialmente em alguns anos nos quais não estavam disponíveis volumes do jornal *A República* para consulta.

Outras informações foram retiradas do livro *Meu Governo*, de Juvenal Lamartine, que foi utilizando também para obtenção de fontes, como referência bibliográfica. Esta obra nos foi de muita valia para nos mostrar um posicionamento diferente daquele manifestado no jornal, demonstrando como um político local enxergava suas realizações e, por consequência, a *modernidade* naquele período.

O primeiro capítulo procura retratar, de maneira sintética, uma visão geral sobre a modernidade potiguar na década de 1920, evidenciando alguns dos aspectos manifestados na *República* e estabelecendo uma rápida comparação com as idéias modernas representadas no jornal nos primeiros anos republicanos, a fim de que se possa desenvolver uma idéia de como a década de 1920 foi importante no panorama

Há dados de tiragem nos jornais

potiguar. Vale salientar, contudo, que esta visão generalizada não visa resumir ou classificar aspectos da *modernidade* local, mas sim fazer uma discussão inicial sobre um tema que apresenta diversas possibilidades de trabalho.

No segundo capítulo, procuramos discutir a relação entre os intelectuais da *República* e as elites locais. Como sabemos, o jornal foi fundado face a grupos políticos locais e tinha, de maneira geral, veiculações com o poder. Assim, procuramos analisar o nível de autonomia dos escritores para publicar suas idéias, manifestar seu pensamento, isentos de qualquer papel para com as elites urbanas locais. Neste capítulo, também procuramos demonstrar como um dos representantes desse elite se posicionava frente à *modernidade*, fornecendo uma outra visão sobre o mesmo tema, ou seja, procuramos mostrar o lado dos intelectuais e, em parte, o lado das elites locais.

No terceiro capítulo, discutimos especificamente o conteúdo de diversas matérias da *República*, esmiuçando como cada uma dessas matérias traz em si diversos aspectos considerados modernos, como a urbanização e higienização da cidade. Além disso, tivemos também a preocupação de demonstrar como se refletiam os anseios dos intelectuais diante do moderno, no sentido de que muitos deles criticavam aspectos dessa *modernidade*. Essa dupla visão foi um ponto essencial do trabalho, na medida em que a *ambigüidade* é uma característica essencial da *modernidade*, e, cientes disso, não podíamos deixar de trabalhar com essa característica.

Aspectos da *modernidade* potiguar nos anos 20

O período que se estende entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX é marcado por diversas transformações. Tais transformações, que vão aparecer em variados aspectos, desde melhorias na estrutura urbana das cidades até uma modificação das vestimentas populares recebem, de maneira geral, o nome de *modernidade*. Um processo de expansão capitalista extremamente intenso marcou esse período, no qual foi sentida a influência da Europa, em especial da França e da Inglaterra. A Inglaterra, sobretudo, detinha uma significativa presença no globo, principalmente na medida em que a expansão industrial, iniciada neste país, começava a alcançar diversas áreas do mundo.

No Brasil, essa influência da *modernidade* recebeu, durante a Primeira República, a designação de “Belle Époque”, que corresponde a um momento de otimismo, de euforia na sociedade. Podemos dizer que nos primeiros anos republicanos do Brasil havia uma tentativa de “copiar” os padrões estéticos europeus, em variados aspectos. É interessante notar que essa *modernidade*, contudo, não possui uma forma definida, ou seja, não se pode caracterizar a *modernidade* como algo fixo, estático. Há sim, na verdade, uma série de definições para esse termo. Segundo Francisco Falcon, em estudo sobre as origens da *modernidade*:

Não existem critérios consensuais para definir a modernidade enquanto conceito. Tampouco dispomos de argumentos suficientes para afirmar quais são, dentre os inúmeros aspectos habitualmente arrolados como constitutivos da modernidade, aqueles mais importantes ou decisivos.¹

¹ FALCON, Francisco José Calazans. Moderno e Modernidade. In: RODRIGUES, Antonio Edmilson; FALCON, Francisco José Calazans. *Tempos modernos: ensaios de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 221-239.

É diante dessa afirmativa que fazemos uma análise da modernidade potiguar segundo a ótica da *República*, no sentido de que são muitos os pontos a considerar acerca da *modernidade*, ou seja, as matérias do jornal contém diversas referências ao moderno, todas com relevância significativa, mas, ao mesmo tempo, difíceis de serem analisadas, diante da dificuldade em se classificar o que vem a ser a *modernidade*.

Como dissemos anteriormente, as primeiras décadas do século XX são caracterizadas como um momento de afirmação da República, na qual a emergência das elites republicanas no país, atrelada a necessidade de se configurar uma identidade nacional, tornam-se as prioridades urgentes. Nesse sentido, uma série de ações públicas são realizadas, visando a intervenção no espaço urbano, como o calçamento de avenidas (como a Rio Branco) e a criação de órgãos e instituições (como a Comissão de Saneamento de Natal). Em Natal, esse momento é marcado pela ação da família Albuquerque Maranhão, que praticamente abarca todos os cargos políticos do estado.

Nesse sentido, o jornal *A República* passaria a divulgar toda a série de ações que estavam sendo realizadas sobre a cidade, entre as quais destacam-se a criação do bairro de Petrópolis e do teatro Carlos Gomes (atual Alberto Maranhão), além de uma gama de modificações, como medidas sanitárias e higienizadoras. Além destas, podemos notar que os artigos publicados na *República* nesse primeiro momento apresentam uma tendência a exaltar os atos públicos e transformação da cidade, mostrando aos leitores como o progresso era benéfico, como exposto na passagem abaixo:

[...] Vê-se dessa resolução que o Governo Municipal compreendeu as vantagens e futuro grandioso da Cidade Nova, como bairro desta capital destinado a ser núcleo da grande cidade que neste século será Natal, talvez uma das maiores do Brasil, uma das cidades mais importantes do mundo.²

² A REPUBLICA, 7 jan. 1902. *A Cidade Nova*.

Diante desse quadro, podemos interpretar que, neste primeiro momento, o jornal servia como meio de consolidação de uma política elitista, que enxergava nos intelectuais um grupo interessante para uma aliança. Contudo, devemos lembrar que estes intelectuais também tinham seus próprios interesses para apoiar a política desse momento.

Na década de 1920, podemos notar que começa a se configurar uma inversão desta situação, sobretudo no tocante aos artigos que são expostos na *República*. De maneira geral, além da expansão do jornal propriamente dito (nas formas, dimensões e qualidade gráfica) há um número maior de artigos, dentre os quais muitos criticavam a política local e suas atitudes.

Entre os motivos que levam a esse novo posicionamento, podemos colocar a questão da República como sonho não concretizado, ou seja, o ideal moderno dos primeiros anos republicanos não se efetiva e os intelectuais, categoria social com facilidade para notar tais aspectos, passam a se posicionar diferenciadamente em relação aos acontecimentos. Milton Lahuerta, estudando essa relação entre os intelectuais e a política na década de 1920 afirma que

[...] é justamente nos anos 20 que a decepção quanto a possibilidade de a República realizar o ideal de uma sociedade nova torna-se absolutamente explosiva. Particularmente para os intelectuais, a década de 1920 será de questionamentos inéditos, até então, e que permanecem em pauta pelas próximas décadas.³

Um dos questionamentos mais interessantes dos intelectuais irá se referir a própria noção de *modernidade*. Será na década de 1920 que cada vez mais a influência da “Belle Époque” será questionada, em favor de uma nova noção do moderno. É

³ LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 93.

10
 edição de
 Belle Époque

interessante notar que a idéia de "Belle Époque" é, por si só, uma representação da *modernidade*. Esse termo, contudo, refere-se explicitamente aos primeiros anos do século XX, no qual o clima otimista diante das inovações predominava em grande parte da sociedade. Na década de 1920, consideramos que esse clima inicial irá se dissipar, embora não estejamos querendo afirmar que não houvesse otimismo, e, a *modernidade* vai ganhar um tratamento diferenciado, conforme vamos discutir mais a frente.

Diante dessa nova situação que irá se configurar na década de 1920, quando os intelectuais passam a ter novas perspectivas, podemos perceber que não irá ocorrer, necessariamente, uma modificação radical do posicionamento dos escritores do jornal face ao poder. É verdade que, a partir dos primeiros anos da década de 1920, gradativamente irá ocorrer uma alteração na relação entre os intelectuais e as elites locais, o que modificará a própria estrutura do jornal, conforme será discutido mais a frente. Contudo, isso não acontece repentinamente; esse novo posicionamento acabou por configurar um novo pensamento mais a frente, especialmente a partir de 1930, com as reformas políticas ocorridas no país. Milton Lahuerta diz que "se é verdadeiro que a intelectualidade passa a pensar o país, propondo reformas e a construção de uma nação moderna, há que se fazer ressalva de que tudo isso ocorre de maneira muito ambígua".⁴

ambigüidade da
 A ambigüidade, aliás, parece ser uma das características mais corriqueiras da *modernidade*. A própria noção do que é moderno adapta-se à época vivida, o que, em Natal, é extremamente difícil de ser verificado, devido à posição econômica secundária da cidade, pois sabemos que é nesse período que os investimentos das elites locais vão trazer as primeiras inovações econômicas para a cidade, como, por exemplo, a instalação de fábricas. Mas essa fábricas, a princípio, não vão conseguir diminuir o ritmo colonial, ainda marcante na capital. Para se ter uma idéia do quadro de Natal, em

⁴ LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 96.

várias áreas do centro da cidade ainda existiam vacarias (ou seja, as fábricas ainda eram uma novidade rara). Além disso, faltam uma série de informações sobre o que se considerava ou não moderno em Natal nesse período. Podemos, contudo, delinear algumas comparações entre os investimentos dos primeiros anos do século XX e dos anos de 1920-30.

Afirmamos há pouco que a qualidade da *República* na década de 1920 aumentou consideravelmente, não só do ponto de vista gráfico, mas da própria quantidade de artigos e colunas. Isso, além de estar relacionado aos fatores mencionados tem uma relação direta com a dinamização da vida urbana. No início do século XX noticiavam-se matérias mostrando a evolução urbana, com, por exemplo, o surgimento de novos órgãos, instituições e melhorias urbanas. Essa idéia demonstra que os intelectuais, ao escreverem no jornal, desenvolviam um posicionamento acerca dos acontecimentos na sociedade.

Nos primeiros anos da década de 1920 já se pode notar, de maneira inicialmente modesta, o aumento de matérias genéricas, onde os autores expõem efetivamente seu pensamento. Exemplo disso é, por exemplo, a publicação das *Actas Diurnas*, que começam a ser publicadas nesse período, de autoria de Câmara Cascudo, que escreve sobre temas gerais, sem necessariamente, estar associado a transformação do espaço urbano. Outras colunas como *O que pensei hoje* e *Conceitos*, de autores nem sempre identificados, apresentam essa mesma característica: escrevem sobre temas gerais, os quais, muitas vezes, criticavam o próprio desenvolvimento da cidade. Porém, essas críticas e a generalização das matérias do jornal ocorrem de maneira gradativa, dando margem a já citada ambigüidade, no sentido que irão conviver entre si tendências distintas, ora criticando, ora expondo o esforço governamental em desenvolver o estado, e, sobretudo, a capital.

Micael
Carlos
 Micael Herschmann e ~~Micael~~ Pereira, em estudo sobre aspectos da modernidade nacional entre 1920-1930 afirmam que não se pode dar um sentido final as percepções do moderno, especialmente em momentos onde esta *modernidade* toma diferentes rumos, diferentes direções, ou seja, torna-se ambígua⁵. Ora, conforme discutimos até agora, podemos desenvolver uma seguinte perspectiva: os primeiros anos do século XX constituíram-se, em Natal, como o momento de "afirmação do moderno" (lembrando que esta afirmação do moderno é percebida através dos intelectuais que escrevem no jornal *A República*), em contrapartida a década de 1920, momento de uma contestação ao moderno, que vai, passo a passo, tornar-se muito significativa na sociedade potiguar, especialmente com uma publicação cada vez maior de artigos que criticavam a *modernidade*.

É diante dessa situação que o jornal aparece como meio privilegiado de informação e percepção social, na medida em que os intelectuais, dotados de uma maneira particular de enxergar os acontecimentos, irão escrever sobre o que se passa nessa sociedade, tentando visualizar os acontecimentos cada vez mais ambíguos que se apresentam. Além dessa dificuldade em escrever sobre um mundo que muda constantemente (mesmo em Natal, considerada periferia econômica no país em 1920), havia ainda a dificuldade de se relacionar com as elites dirigentes do estado, o que contribuía para a apreensão do moderno pelos escritores. Será esta relação e seus desdobramentos que iremos discutir a seguir, visando demonstrar como os intelectuais podiam perceber as alterações modernas e, ao mesmo tempo, se posicionar diante delas, fazendo com que seus escritos fornecessem à sociedade elementos para discutir as alterações.

⁵ HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 15.

Capítulo 2

Os intelectuais potiguares e as elites locais

Não começa
por si próprio
introduz
o tema

Segundo Giovana Paiva de Oliveira, em estudo sobre as transformações urbanas em Natal, as elites locais formularam um projeto para modernizar a cidade segundo o seu gosto, para adequá-la a seus padrões. Tais padrões contrapunham-se ao ritmo de vida, quase colonial, que ainda se manifestava na cidade. Nesse sentido, tais elites pretendem dinamizar a vida urbana e promover uma intervenção direta no espaço da cidade. Seria uma idéia de modernização elitista.⁶ Evidentemente, as realizações dessas elites manifestaram-se também nos pensamentos e escritores locais que examinaremos sob a ótica dos colunistas da *República*.

Nesse sentido, a idéia de *modernidade* manifestada na *República*, a qual será discutida especificamente no próximo capítulo, está associada não somente aos escritos, mas também à relação que os autores mantinham com o governo, pois eles também ocupavam cargos no governo. Como sabemos, era comum que nas primeiras décadas do século XX uma série de intelectuais como Manoel Dantas e Henrique Castriciano ocupassem cargos públicos, gerando uma elite "intelectualizada". Na década de 1920, um dos exemplos mais significativos dessa intelectualidade que mantinha relações com o poder potiguar era a figura de Cristovam Dantas. Engenheiro agrônomo, fez um curso de especialização nos Estados Unidos (Geórgia), de onde enviava uma série de matérias para a *República*, intituladas como *Impressões da América*. Tais colunas refletiam, principalmente, como o estilo de vida norte-americano poderia servir para o desenvolvimento potiguar.

explora
o americanismo

Embora nos faltem dados específicos sobre a relação existente entre os intelectuais e o governo, podemos deduzir que estes, ao menos em parte, escreviam matérias para

⁶ OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a Cidade: o processo de modernização do Natal, 1889/1913*. Natal: EDUFERN, 2000. Cap. 3.

exaltar os atos públicos. O próprio Cristovam Dantas, nas *Impressões da América*, embora tecesse algumas críticas as administrações locais, procurava demonstrar que os governos traziam progresso, o que futuramente geraria um grande impulso desenvolvimentista nas Américas e no Brasil em especial.

No decorrer da pesquisa, uma das grandes dificuldades encontradas em estabelecer especificamente esse tipo de relação foi a identificação dos autores. A maioria dos artigos simplesmente não tem autoria ou vem identificado com letras como "M" ou "G", especialmente as colunas de caráter mais significativo, ou seja, aquelas em que os autores mais comumente expõem suas opiniões sobre aspectos da cidade, muitos deles ligados a noção de *modernidade*. Entre alguns dos autores que pudemos identificar estão o Gastão Correia e Jaime Wanderley.

Outro ponto sobre o qual devemos discutir para notar a posição dos escritores face ao poder é a questão da autonomia. Conforme discutido acima, pudemos perceber que diversos intelectuais escreviam para suprir as necessidades de um estado elitista novo, que precisava de uma afirmação social. Vimos, contudo, que mesmo os autores que tem essa posição não deixam, em certo momento, de criticar essas mesmas elites. Ora, sabemos que o jornal detêm uma relativa autonomia na sociedade, embora fosse um veículo a mercê de um influência do estado. São comuns, na década de 1920, notícias criticando as companhias estatais locais, como a Cia. Força e Luz, que por muitas vezes deixava a desejar no serviço de circulação dos bondes pela cidade. Curiosamente, são essas notícias que mais comumente deixam de trazer referência autoral.

Consideramos notar desta forma que dois grandes blocos podem ser sentidos no que se refere à relação entre os intelectuais e o poder: aqueles que se manifestavam favoravelmente as elites, embora com ressalvas e aqueles mais críticos (e também mais ocultos). Para Daniel Pécaut, a politização dos intelectuais brasileiros na década de 1920

falta de autoria? por que?

“não foi um pretexto para promover interesses próprios, mas, antes de tudo, expressava sua conversão à ação política.”⁷

Daniel Pécaut pretende dizer que, a partir de 1920, embora ainda houvesse uma relação direta entre diversos intelectuais e o poder local, cada vez mais a intelectualidade se enxergava como grupo próprio, fugindo aquele primeiro momento já citado onde a “elite intelectualizada” designava os rumos da nação. A partir de 1920, sobretudo, a “elite” irá gradativamente se separar da “intelectualidade”, a qual terá mais autonomia para demonstrar seu pensamento, ou seja, se politizar; ou, em outras palavras:

A geração dos anos 20-40 não solicitou a mão protetora do Estado; ao contrário, mostrou-se disposta a auxiliá-lo na construção da sociedade em bases racionais. Participando das funções públicas ou não, manteve uma linguagem que é a do poder. Ela proclamou, em alto e bom som, a sua vocação para a elite dirigente.⁸

Em Natal, essa modificação da relação do poder entre os intelectuais e o Estado parece estar também diretamente relacionada a própria modificação da vida política local. Como sabemos, a partir principalmente de 1920 emerge no estado um novo grupo que vai, ao menos até 1930, comandar a vida política local, os Bezerra de Medeiros. Podemos sentir que tal modificação política foi, ao menos, em parte, responsável também por essa autonomia dos intelectuais, no sentido de que a ligação estatal com o grupo anterior, os Albuquerque Maranhão, tornava-se muito mais reduzida e que os problemas anteriormente sofridos não iriam se repetir nesse novo momento (problemas que podem aqui ser identificados como a pressão sobre as matérias do jornal).

Além dessa situação em Natal, sabemos que os anos 20 no Brasil são anos de mudança, dentro do que diversos movimentos sociais podiam ser sentidos, como o

⁷ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990. p. 21.

⁸ *Ibid*, p 21-22.

Tenentismo e a formação dos partidos totalitários na Europa, o que evidentemente proporcionou a intelectualidade uma série de temáticas e visões novas que não condiziam necessariamente com a visão das elites dirigentes locais.

É interessante notar que essa transformação de percepção por parte dos intelectuais na década de 1920, parece se refletir também nas ações dos homens públicos. A *modernidade*, nesse sentido, parece entrar em pauta nas questões locais não só na necessidade de transformar os espaços urbanos ou embelezar a cidade conforme os padrões europeus, mas também de se tornar uma necessidade interna dos governos locais. A política, a partir desse momento, parece representar uma *modernidade* não somente a partir de suas ações, mas a partir de sua própria ideologia.

Essa ideologia moderna presente na política se refletiu principalmente na percepção que os políticos tinham da *modernidade*, a qual, evidentemente, se refletiu em suas ações. Os últimos governos da Primeira República em Natal, principalmente, seriam marcados pela ação de elites que realizariam uma série de investimentos sobre a cidade. Tais elites, a partir das primeiras décadas do século XX, tomaram uma série de medidas que visavam desenvolver a cidade, especialmente medidas de caráter progressista, desenvolvimentista, o que, em grande medida, caracteriza uma atitude moderna em suas ações.

Itamar de Souza afirma que a Primeira República potiguar só conheceu dois governadores criativos: Alberto Maranhão e Juvenal Lamartine.⁹ Sobre o termo “criativo” empregado pelo autor, podemos considerar que ele se refere a governadores que tomaram medidas efetivamente consideráveis para a modernização da cidade. Neste sentido, vamos analisar alguns desses aspectos “criativos” do governo Juvenal Lamartine na década de 1920.

⁹ SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte (1889-1930)*. Brasília: Senado Federal, 1989. p. 223.

Juvenal Lamartine, que governou o estado nos dois últimos anos da Primeira República (1928-30), escreveu uma obra chamada *Meu Governo*, na qual analisa suas próprias realizações. Tal obra é de grande valia para entendermos como um político se manifesta diante de suas próprias realizações. Em nossa pesquisa esses dados foram importantes para preencher uma lacuna temporal, pois existem poucos volumes da *República* desses últimos dois anos da década de 1920.

Embora não seja nosso objeto de pesquisa, há uma matéria muito interessante publicada pelo Diário de Natal em 1928. A seguinte passagem desta matéria, intitulada "Cidade futura", diz o seguinte:

Petrópolis, Tyrol, Alecrim querem ser as cidades do futuro. Natal será um desses bairros, como Rio e São Paulo são o Brasil.

Assim dizem, de cada um, quantos pelos mesmos têm symphatias. Cidade Alta e Ribeira são bairros mais antigos, de edificações velhas, que irão melhorando devagar.

(...)

E na historia do aprasivel bairro que será a cidade do futuro (...) nomes ficarão no reconhecimento (...) posteros: padre Theodoro Kokke, Omar O'Grady, Dr. Décio Fonseca, Prof. João Carlos de Souza.¹⁰

A passagem acima nos permite notar todo um clima de otimismo, crendo sobretudo num desenvolvimento potiguar, mesmo diante dos primeiros sinais de crise politica que se abatiam sobre o estado e que culminariam com a deposição do governador em 1930. Podemos considerar dessa maneira que o governo Juvenal Lamartine foi marcado por um empenho governamental significativo, especialmente se levarmos em consideração que o *Diário de Natal*, fundado por Elias Souto em 1884, era um tradicional opositor da *República*.

Além disso, ainda nos referindo a passagem anterior, podemos notar que o tom otimista do escritor (não identificado) era também manifestado pelo ex-governador.

¹⁰ DIARIO DE NATAL, 11 dez. 1928.

Juvenal Lamartine, nas primeiras páginas do *Meu Governo* considera que a nação brasileira estaria fadada a um futuro espetacular, destinada inclusive a substituir no poder as antigas nações européias, que se auto-destruiriam.¹¹ Podemos notar desta forma que a relação entre intelectuais e políticos discutida há pouco se manifestava, ao menos em alguns dos seus aspectos, na própria maneira de enxergar o mundo de algumas dessas pessoas.

Para discutir outra questão referente a figura de Juvenal Lamartine, é interessante nos remetermos a um pensamento de Manoel Dantas, que, embora proferido em 1895, explicita uma relação com uma das características políticas do nosso ex-governador. Manoel Dantas dizia que “...quando o país estiver solidamente organizado e não encontrar embaraços à sua marcha progressista [...] os partidos surgirão como um elemento necessário em toda sociedade bem constituída, e as lutas recomeçarão, embora sem o encarnecimento e a pequenez dos velhos partidos monárquicos.”¹²

Dantas, que escreve ainda no período monárquico, almejava que no período republicano a política se guiasse uma maior ética governamental, embora sem a diminuição das disputas políticas. Esta “ética governamental” expressa, em certa medida, um ideal de político moderno, de conduta ilibada e sem acusações para com seus antecessores. A organização de um governo burocrático, com maior transparência política pode ser considerado um aspecto moderno. Além disso, organizava-se de tal forma a política que o poder executivo procurava atrair para si toda a responsabilidade governamental, como é o caso de Juvenal Lamartine, ao explicitar sua posição sobre a situação do Banco do Rio Grande do Norte, ao assumir o governo estadual: “Devo

¹¹ LAMARTINE, Juvenal. *Meu Governo*, 1933.

¹² Apud BUENO, Almir. *Visões de República*. Natal: EDUFRN, 2002. p. 208.

declarar que a nenhum dos meus antecessores, no governo do Estado, cabe a mais leve culpa da desorganização em que encontrei a escripta e negócios do Banco.”¹³

A década de 1920 assistiu também a uma série de ações públicas que visavam o desenvolvimento da educação no estado. Como sabemos, a questão da educação moderna é um dos pontos que ganharam destaque na Europa e, consequentemente, se manifestariam também no Brasil, como (é) o caso do intelectual local Henrique Castriciano, protagonista das escolas voltadas para a educação feminina no Rio Grande do Norte. Diversas escolas rudimentares são criadas neste período, bem como leis regulamentando o ensino e a prática docente, como podem ser vistos nos decretos e leis do governo estadual, acondicionados no Instituto Histórico e Geográfico Local. Juvenal Lamartine considera que “... a prosperidade economica do Rio Grande do Norte depende, em grande parte, da educação profissional do povo, e que o homem não desempenhará as suas funções de factor de progresso material sem o conhecimento de uma arte, ou dos progressos materiaes da lavoura...”¹⁴ } Conforme pode ser visto, a preocupação com a educação se mesclava com a idéia do desenvolvimento econômico, na medida em que se procurava o empenho do desenvolvimento técnico.

Outro ponto que podemos destacar na atuação governamental de Juvenal Lamartine é a idéia das medidas de profilaxia e combate a doenças no estado. Medidas ligadas à saúde e ao uso do cientificismo, cada vez mais desenvolvido, caracterizam-se como uma das principais preocupações do mundo moderno, e, neste sentido, manifestam-se claramente como grande preocupação dos governantes potiguares durante a década de 20. Em palavras do próprio ex-governador: “O Rio Grande do Norte pode se orgulhar, e desse orgulho eu participo, de ter sido, embora pequeno e

¹³ LAMARTINE, Juvenal. *Meu Governo*, 1933

¹⁴ *Ibid.* p. 31.

o que consistia
na educação
e medicina

diversas
femininas

governo

qual o
papel que
educação
feminina
representa
num processo

falta
nas
páginas
(20)

Visões da modernidade em Natal

vai começar assim

Segundo Humberto Hermenegildo de Araújo, "pode-se dizer que a Natal dos anos 20 era um misto de província atrasada e/ou "deslumbrada" diante das novidades que se apresentavam na realidade"¹⁶. O "deslumbamento" a que se refere o autor pode ser enxergado em diversos periódicos da época, especialmente nas matérias do jornal *A República*, os quais representavam, em grande medida, as diversas transformações pelas quais a sociedade potiguar vinha passando.

Natal, nos anos 20, sofria uma influência direta de aspectos modernos, conforme visto anteriormente. A intelectualidade potiguar, ciente dessas transformações, acabava por absorver essa modernidade e manifestar suas posições sobre a mesma. Desse modo, podemos dizer que as matérias da *República* são uma representação do que seria a *modernidade* local. Tal noção refere-se à idéia de que as narrativas do jornal correspondem a uma construção da realidade, a qual está diretamente ligada a grupos sociais, que, à revelia dos atores sociais, descrevem a sociedade tal como elas imaginam, ou como gostariam que esta sociedade fosse¹⁷. Essa noção é necessária em nosso estudo, pois, ao analisar as matérias do jornal, principalmente aquelas que tratam das transformações da sociedade na década de 1920, é preciso ter em mente que os escritos dos colunistas do jornal *A República* expressam a visão que os mesmos tinham da sociedade, ou pelo menos representam aquilo que eles esperavam dessa sociedade. A idéia de *modernidade*, transmitida pelas colunas da *República*, está claramente veiculada as idéias que um determinado grupo social (neste caso, de uma parcela de

que grupo está?

¹⁶ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Ed. Universitária, 1995. p. 27.

¹⁷ CHARTIER, Roger. *História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17-28.

intelectuais que escrevem no já citado jornal) tinha das mudanças ocorridas na sociedade, ou seja, representavam uma ótica da realidade.

Podemos notar que o “deslumbramento” citado por Humberto Hermenegildo de Araújo liga-se diretamente a idéia de *representação* trabalhada por Roger Chartier. A população natalense, diante das matérias veiculadas no jornal também absorvia parte dessa *modernidade*, ou seja, adquiria uma percepção sobre as diversas alterações que vinham se desenrolando na sociedade potiguar.

Para se ter uma noção mais exata do que seria esse “deslumbramento”, vejamos a coluna a seguir, que trata da comemoração do Centenário da Independência:

Vencendo mais uma preciosa etapa na ampulheta do tempo, a humanidade começou ante-hontem nova trajetória que vae lhe assignalar a mesma vida de emoções de toda ordem no scenario da atividade mundial.

Para o Brasil é o anno do centenário que se inicia, auspicioso e fecundo, sob as primícias de um largo surto de progresso e civilização (...) Natal viu decorrer o dia do Anno Bom por entre as mais solennes commemorações que deram à cidade um aspecto de grande movimento. Eram todas as classes, o povo em summa, que se congregava e reunia, aqui e ali, dominado pela radiação festiva que a todos empolgava na data nascente e commemorativa de tantos acontecimentos gloriosos.¹⁸

Evidentemente, por se tratar de uma data festiva, o autor dessa coluna (não identificado) tece um comentário bastante entusiástico. Entretanto, pode se ver que, embora empolgado com a data comemorativa, há uma série de referências ao futuro glorioso da civilização brasileira e, em particular, da potiguar. Natal se via num momento de crescimento, fadada a “acontecimentos gloriosos”.

Esse artigo nos permite ligar bem as idéias que vínhamos desenvolvendo. O colunista, ao repassar as idéias dessa *modernidade* em Natal, diante de uma situação favorável aos acontecimentos, contribui para que os leitores do jornal absorvam e

¹⁸ A REPUBLICA, 3 jan. 1922.

também repassem as noções de moderno que estão se delineando. Entretanto, não somente noções e idéias caracterizam o desenvolvimento do “moderno” em Natal. O próprio desenvolvimento urbano e a instalação de novas atividades trazem essa característica, conforme podemos ver na manchete a seguir:

Café moderno – Neste moderno estabelecimento, acha-se á disposição de sua culta e distinta clientela e mui especialmente dos illustres senhores viajantes, uma secretaria e seus pertences para o effeito de correspondência epistolar e telegraphica. Encarrega-se ainda o proprietário da entrega e qualquer correspondencia no seu estabelecimento, para o que affixará em placas os nomes dos pesumptivos destinatarios como também dará a relações diaria dos telegrammas retirados no telegrapho nacional.¹⁹

O progresso em Natal estava sendo sentido não somente em colunas que tratassem de assuntos teóricos, que enxergam o pretense progresso da capital potiguar, mas era sentido também nas próprias manifestações urbanas. Conforme visto na coluna anterior, o estabelecimento traz em seu próprio nome a alcunha de moderno, oferecendo diversos novos serviços, colaborando especialmente para o desenvolvimento da cidade sob a ótica das elites.

A *modernidade*, sob o ponto de vista das elites, é um dos grandes pontos trabalhados no que se refere à cidade de Natal. Segundo Giovana Paiva de Oliveira, em estudo sobre as transformações urbanas locais, havia um “projeto” pensado pelas governantes locais para dar à cidade novos ares, que adequassem o panorama urbano ao desejo desses grupos urbanos.²⁰

A “boa sociedade” natalense interferia diretamente nesse processo de dinamização da vida urbana na capital, criando novos órgãos e instituições, as quais eram frutos de

¹⁹ A REPUBLICA, 13 maio. 1923.

²⁰ Giovana Paiva de. *De cidade a Cidade: o processo de modernização do Natal, 1889/1913*. Natal: EDUFRRN, 2000. Cap. 3.

comentários por parte dos colunistas do jornal. Uma dessas colunas, referentes às ações do governo, traz a seguinte notícia:

educacional } O Rio Grande do Norte apesar de ser dos menores Estados da República é daqueles que mais trabalham pela causa da instrução. Ha ali meia dusia de espiritos esclarecidos, cultos, patrióticos, que se esforçam seriamente pelo grande problema de que depende – sem phantasia e sem literatura – o futuro do paiz. As <elites> ali estão bem compenetradas do papel que lhes cabe e a sua actuação é um facto que dia a dia se impõe à consciência nacional.²¹

Evidentemente, conforme discutido no capítulo anterior, havia uma relação entre os intelectuais do jornal e as elites locais. Contudo, mesmo com essas relações, pode se perceber que no trecho anterior há todo um sentido de moderno, de um esforço de Natal para inserir-se, à sua maneira, nessa *modernidade*. O desenvolvimento de políticas públicas constituía-se como uma dessas alternativas, especialmente ao se levar em consideração que Natal, na condição de periferia econômica do país, acabava por ser influenciada diretamente por padrões de *modernidade* oriundos do Rio de Janeiro, um dos primeiros centros do país a adotar posturas de imitação dos padrões estéticos europeus, designados de Belle Époque.²²

A influência da “Belle Époque” na década de 1920, contudo, já não era tão presente como nos primeiros anos do século XX. Diversos estudos demonstram que, a partir de 1920, começou a se delinear no Brasil e também em Natal uma consciência de “modernidade” que procurava se basear na cultura e condições locais, sem, evidentemente, recusar totalmente a influência externa. Milton Lahuerta, em estudo sobre o Brasil na década de 1920, diz que

²¹ A REPUBLICA, 4 fev. 1922.

²² Para saber mais sobre a “Belle Époque” e sua influência no Brasil, ver SEVCENCKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Ao contrário do período anterior [primeiros anos do século XX], marcado por um forte desejo de identificação com a “civilizada” Europa, os anos 20-30 vão se caracterizar, no Brasil, como um momento especial no sentido da configuração de uma “consciência” ou da busca de uma “identidade nacional” calcada sobre a afirmação da “força nativa” – sem que isso impedisse, é bom que seja dito, a importação, às vezes bastante literal, do pensamento das vanguardas da época.²³

Em Natal, podemos perceber que a alteração do sentido de moderno também irá ser percebida, principalmente na medida em que as elites locais passam a discutir e a investir em aspectos que valorizem a cidade, sem tantas influências externas. Na *República*, alguns artigos demonstram essa característica, como a seguinte:

De certo tempo vem se operando na vida política do Brasil um fenómeno dos mais interessantes. Pouco a pouco os partidos vão se alheando dos interesses e corrilhos e alargando os horisontes da vida nacional, cada vez mais alevantados e distantes da Era Olygharchica. A modificação é visível e só não a enxergam os myopes de nascimento ou interessados de má fé. Cada vez mais a nação se affasta da centralisação pessoal dos dominadores de outrora, cuja directriz não se trata de discutir nestas linhas, onde apenas de rellance alludimos ao facto, sem querer pesar ou medir as virtudes ou erros dos mesmos.²⁴

Embora não exposto diretamente, podemos notar que o autor (não identificado) se refere não somente a década de 1920 como um momento de descentralismo político, em comparação com as primeiras décadas do século XX, mas deixa entrever também que os novos grupos políticos manifestam uma consciência nacional, preocupados em desenvolver o país a base de seus próprios interesses, ganhando uma maior autonomia e sendo gradativamente menos influenciados pelos padrões europeus.

A idéia de que a partir de 1920 uma nova consciência sobre a *modernidade* manifestou-se no Brasil e também em Natal, afastando gradativamente a influência do

²³ LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 93.

²⁴ A REPUBLICA, 1 jan. 1922.

esteticismo europeu encontra apoio nos artigos de Cristovam Dantas. Sua coluna, intitulada *Impressões da América*, torna-se corriqueira na *República* nos primeiros anos de 1920. Cristovam Dantas era correspondente do jornal na América do Norte, onde estava para aperfeiçoar seus estudos sobre engenharia agrônômica. Nesta coluna, o autor tece diversos comentários sobre os norte-americanos, enfatizando suas virtudes, as quais, em grande medida, poderiam servir de exemplo aos brasileiros.

Como se sabe, os Estados Unidos após o fim da Primeira Guerra Mundial tornou-se um dos principais centros capitalistas do mundo o que naturalmente atraía a atenção de outros povos, dentre os quais os sulamericanos, que enxergaram neste país aspectos benéficos, os quais poderiam vir a ser implementados no Brasil e também em Natal. Como exemplo, podemos dizer que em 1929 foi implementado o Máster-Plan, também conhecido como Plano Palumbo Para ter uma melhor noção sobre os escritos de Dantas, vejamos a passagem a seguir:

A arte de embelezar as cidades – A arte de construir novas cidades, melhorar as antigas, tornal as mais efficientes e melhor organizadas, bem merece ser destacada como um dos multiplos esforços gigantescos em que se empenham as gerações modernas da America no sentido de fazel a cada vez mais possante e independente.²⁵

Conforme visto na passagem acima, a idéia de embelezamento das cidades, de melhorias urbanas e de investimentos governamentais, embora presente desde as primeiras décadas do século XX, ou seja, ainda sob a influência da Belle Époque, apresentam aqui um outro caráter, pois são as gerações da América que farão seu próprio desenvolvimento, são as virtudes dos próprios americanos que lhes favorecerão. O patamar a ser alcançado não é mais europeu, mas sim, no máximo norte-americano, pois nem o desenvolvimento das Américas (em especial do Brasil) iria alcançar um

²⁵ A REPUBLICA, 12 julho. 1923.

status máximo, um nível de *modernidade* ainda não visto no globo, pois “ O século XX pairou sobre os ceós estrelados da terra brasileira, nas asas alcançadoras da aeronáve celéste, pontilhando o brilhante trophéo com os beijos de oiro e luz da cupola esplendente do cruzeiro...”²⁶

Podemos notar desta forma que, na década de 1920, a sociedade brasileira vinha passando por uma conjuntura de mudanças. Tais mudanças, percebidas em grande medida pelas elites letradas, passaram a ser desenvolvidas em várias áreas. Em Natal, *A República* denota algumas dessas transformações, conforme pôde ser visto em algumas das passagens do periódico, como o embelezamento das cidades, a instalação de novas lojas (como o Café moderno), a sensação de desenvolvimento e, como ponto principal, a consciência da *modernidade*, na medida em que os escritores do jornal tomam consciência sobre as mudanças que os cercam.

Tomando consciência do mundo que os cerca, os intelectuais passariam a desenvolver determinadas percepções sobre a *modernidade* e, refletiriam essas percepções em seus escritos. É interessante perceber que essas posições não são iguais; pelo contrário, muitas das vezes podem ser até contraditórias. No primeiro parágrafo deste capítulo, citamos a passagem de Humberto Hermenegildo de Araújo, na qual ele diz que na Natal dos anos 20 havia um certo “deslumbramento” em relação as transformações que se apresentavam na sociedade. Essa idéia do “deslumbramento”, embora tenha se convertido nesta época para uma visão benéfica, para um clima de otimismo, conforme visto anteriormente, gerou também uma ótica diferenciada sobre as mesmas mudanças. Tal ótica, também retratada pelos colunistas da *República* refere-se aos aspectos negativos da *modernidade*, ou seja, há também no jornal algumas

²⁶ A REPUBLICA, 20 maio. 1924.

passagens em que os autores demonstram uma relativa desconfiança, certos receios acerca dessa nova fase que se apresentava.

Tais idéias de crítica a *modernidade* presentes nas colunas da *República* estão diretamente ligadas a idéia de “destruição criativa”, trabalhada pelo pesquisador David Harvey. Segundo ele, quando uma sociedade passa por uma mudança significativa, especialmente quando esta tem uma relação com a *modernidade*, convém que se manifeste um certo receio, pois desta situação cria-se um dilema: “Como poderia um novo mundo ser criado sem se destruir boa parte do que viera antes?”²⁷

Ao fazer tal afirmação, David Harvey procura demonstrar que, mesmo numa sociedade envolvida num clima de otimismo, de satisfação, havia um outro pensamento, no qual a *modernidade* não era vista com bons olhos, ou no mínimo, parte dela. Em Natal, podemos perceber que a idéia do “deslumbramento” tem uma clara relação com a idéia da “destruição criativa”, pois, ao se “deslumbrar” diante de algo novo, o indivíduo também tem um certo temor, o qual pode se dissipar ou não, dependendo de como essa novidade será absorvida.

Para melhor entendermos como essa idéia está representada no jornal, vejamos a passagem a seguir:

A civilização e o progresso, trazendo á humanidade incalculáveis proventos de toda ordem, levam consigo, em troca, grande parte do seu patrimônio.

A tradição, por exemplo, que é, por assim dizer, o traço característico da vida dos povos, vae desaparecendo pouco a pouco, cedendo lugar, por vezes, as suas desmedidas exigências.

Já não existem mais, cultuados com o mesmo carinho e o mesmo entusiasmo, muitos desses divertimentos que eram o encanto (...) alegria das gerações passadas.²⁸

²⁷ HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7ª Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1998. p. 26.

²⁸ A REPUBLICA, 24 jun. 1922.

Conforme pode ser visto neste artigo, a *modernidade*, embora considerada benéfica, traz determinados aspectos considerados negativos. Um dos mais significativos aspectos de críticas a *modernidade* é a questão da destruição de certos valores sociais, normalmente representados como *tradições*. Tais *tradições*, representativas de um conjunto, de uma estética de vida, são destruídas, ao menos em parte, pelas inovações modernas. Desta forma, podemos dizer que a *modernidade* é, em grande medida, oposta a *tradição*. Segundo Eric Hobsbawn, tradição “é um conjunto de práticas, normalmente regulada por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado, um passado histórico apropriado.”²⁹

Além da idéia de ter colaborado para a destruição das *tradições* locais, a *modernidade*, vista sob a ótica de alguns colunistas do jornal, dinamizou de tal modo a vida urbana que criou uma mentalidade fútil nos indivíduos. Sobre tal idéia, podemos mencionar a seguinte passagem:

E ainda existe quem, ingenuamente, critique a futilidade. Ella, estou certo, é a virtude mais preciosa da sociedade actual. Já lá se foi o bello tempo, se é que realmente o houve, em que somente as mulheres eram fúteis. O dom peculiar à ignorancia feminina tornou-se commum a todos os que sabiamente comprehendem o seu inestimável preço no intercambio social do *picnic* e do *five o'clock*.

(...)

Se um escriptor busca um thema oco e diz uma dúzia de extravagancias, a critica moderna classifica de *fina ironia*.³⁰

A seguinte matéria, da autoria de S. Bezerra (provavelmente um pseudônimo), busca nos mostrar um outro lado de críticas ao *moderno*. Nesta matéria, intitulada “apologia da futilidade” há todo um discurso do autor que procura demonstrar como a

²⁹ HOBBSBAWN, E. e RANGER, T. (org.) *A invenção das tradições*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 9-10.

³⁰ A REPUBLICA, 21 fev. 1923.

sociedade de 1920 se afastou dos temas importantes, dedicando-se a debater futilidades. Ora, tal idéia liga-se ao trecho anterior, no qual há toda uma valorização de um passado, de uma *tradição*. Embora não exposto explicitamente, aqui também há todo um receio acerca das transformações que se apresentam na sociedade, o que causa toda uma tentativa de se apegar a aspectos antigos, visando encontrar um “solo seguro” diante das inovações.

No que se refere as críticas à *modernidade* as matérias apresentadas tem uma característica em comum: não é a idéia de *modernidade* o alvo de críticas, mas sim determinados aspectos da mesma. Para a sociedade potiguar da década de 1920, tornava-se difícil adaptar-se ao ritmo de transformações, de adequar-se diante dessa “destruição criativa”, notando-se, ao mesmo tempo, essas transformações não eram totalmente rejeitadas. Em estudo sobre as origens da *modernidade*, Francisco Falcon diz que isso é uma coisa natural, pois a *modernidade* por si só teria surgido nos séculos XV-XVII, como uma oposição ao período medieval e causava receios devido a intensa gama de modificações que provocava; além disso, Falcon também escreve que a palavra *moderno* significa, naturalmente, a oposição, o contraste a algo anterior, antigo, que está sendo renovado, ao menos em parte.³¹

Tal receio, sentido pelos intelectuais da *República*, pode ser compreendido como uma coisa natural, derivada do período turbulento pelo qual se passava (como por exemplo, a ascensão de um novo grupo político potiguar, a família Bezerra de Medeiros).

³¹ FALCON, Francisco José Calazans. Op cit p. 221-239.

CONCLUSÃO

Conforme discutido ao longo do texto, a modernidade é um assunto complexo, que permite o encaminhamento de um trabalho para várias posições, algumas muitas vezes opostas. Tentamos, durante a pesquisa, manter nosso foco centrado diante da problemática inicial de analisar as representações da *modernidade* sob a ótica dos intelectuais do jornal *A República* e, dessa forma, mostrar algumas facetas da *modernidade* potiguar. Contudo, os diversos questionamentos levantados no decorrer da pesquisa nos levaram também a uma série de perguntas alternativas, muitas das quais intervinham diretamente na problemática central. Diante disso, procuramos responder a alguns desses questionamentos, sem, entretanto, fugir a problemática central.

Assim, a primeira conclusão a que chegamos é a de que a *modernidade* potiguar na década de 1920, vista sob a ótica da *República* diferencia-se em diversos pontos daquela manifestada no início do século XX. Na década de 20, os artigos, matérias e colunas tem um espaço muito maior no jornal e também trazem idéias mais concretas, mais desenvolvidas sobre os temas modernos. Na década de 1910, por exemplo, havia uma quantidade significativa de escritos que simplesmente elogiavam as transformações pela qual cidade vinha passando, sem considerar especificamente as implicações dessas transformações. Não estamos querendo dizer com isso que os autores do início do século não tivessem idéias desenvolvidas, mas o grau de consciência e mesmo a autonomia dos escritores a partir de 1920 propiciou o desenvolvimento de caminhos alternativos para os intelectuais, que puderam manifestar posições diversas sobre a sua forma de enxergar a modernidade.

Outro ponto que consideramos ao longo da pesquisa e que está diretamente relacionada a conclusão acima é a questão da própria designação do que viria a ser

moderno. Durante a análise dos jornais, pudemos perceber que na década de 1920 a palavra “moderno” aparecia com uma frequência significativa, até mesmo em propagandas, enquanto que nos primeiros volumes do periódico havia uma tendência em se utilizar outros termos para “moderno”, como desenvolvimento e a própria “Belle Époque”. Com isso, podemos considerar que os escritores adquiriram um maior grau de consciência sobre as alterações na sociedade e sobre sua própria função como agentes capazes de influenciar a opinião pública.

No segundo capítulo deste trabalho, tentamos demonstrar o grau de relações existentes entre as elites republicanas e alguns intelectuais da *República*. Essa fase do trabalho nos causou uma série de dificuldades, dadas, em parte, pela falta de informações. É muito difícil identificar os escritores do jornal, pois, por muitas vezes, os artigos não tem autoria e, se tem, vem com pseudônimos. Conforme percebemos ao longo da pesquisa, poucos autores assinavam suas matérias, como Cristovam Dantas e Gastão Correia. Além disso, a grande maioria dos trabalhos que discute as relações políticas do estado, que poderiam nos servir de base, não trazem informações sobre a relação dos grupos políticos com outras figuras sociais, como intelectuais. Contudo, mesmo diante desse quadro, podemos estabelecer algumas conclusões. Os intelectuais do jornal, na década de 1920 aproveitaram-se, em parte, da crise política no estado para adquirir uma maior autonomia, maior liberdade para manifestar suas idéias; além disso, a propagação de um novo ideal moderno, conduzido a partir da busca de uma identidade nacional, provocou uma relativa ruptura na relação entre os escritores e as elites, na medida em que estes passaram a ocupar um “cargo” de destaque nessa busca por uma nova modernidade.

Este trabalho também constatou que a evolução tipográfica do jornal, com o aumento de páginas e de qualidade gráfica, não se referiu somente a evolução dos meios

O sentido
 →
 para
 manifestar a
 função social
 dos intelectuais

“Comunidade”
 dos
 intelectuais
 (autonomia,
 independência)

de impressão e de tecnologia. Não pudemos esclarecer explicitamente como, mas a pressão intelectual pela necessidade de manifestação de idéias proporcionou à *República* um aumento substancial de páginas, além do acréscimo de propagandas (as quais, muitas das vezes, divulgavam ideais modernos).

Esta pesquisa pretendeu criar algumas idéias iniciais sobre a *modernidade* potiguar, na medida que são escassos os trabalhos sobre a temática. Neste sentido, as conclusões aqui estabelecidas carecem de uma discussão mais aprofundada; esperamos, contudo, que nossa pesquisa se torne fonte para o desenvolvimento de outros trabalhos no futuro e que, as lacunas aqui apresentadas sejam respondidas futuramente.

por que
mas
analisar
as
propagandas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**BIBLIOGRAFIA**

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Ed. Universitária, 1995.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BUENO, Almir. *Visões de República*. Natal: EDUFRN, 2002

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: RN Econômico, 1999.

CHARTIER, Roger. *História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DONGHI, Tulio Halperin. *História da América Latina*. São Paulo: Circulo do Livro.

FALCON, Francisco José Calazans. *Moderno e Modernidade*. In: RODRIGUES, Antonio Edmilson e FALCON, Francisco José Calazans. *Tempos modernos: ensaios de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7ª Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBBSBAWN, E. e RANGER, T. (org.) *A invenção das tradições*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LAHUERTA, Milton. *Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização*. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a Cidade: o processo de modernização do Natal, 1889/1913*. Natal: EDUFRN, 2000.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

SEVCENCKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte (1889-1930)*. Brasília: Senado Federal, 1989.

SPINELLI, José Antônio. *Da oligarquia Maranhão à política do Seridó: O Rio Grande do Norte na Velha República*. Natal: CCHLA, 1992 (Coleção Humanas Letras, 5).

FONTES

A REPUBLICA, 7 Janeiro. 1902.

A REPUBLICA, 1 de janeiro. 1922.

A REPUBLICA, 3 de janeiro. 1922

A REPUBLICA, 4 de fevereiro. 1922.

A REPUBLICA, 24 de junho. 1922.

A REPUBLICA, 21 de fevereiro. 1923.

A REPUBLICA, 13 de maio. 1923.

A REPUBLICA, 20 de maio. 1924.

A REPUBLICA, 12 de julho. 1923.

DIARIO DE NATAL, 11 de Dezembro. 1928.

LAMARTINE, Juvenal. *Meu Governo*. 1933.